



## A ira funesta na tragédia grega *Antígona* de Sófocles

The destructive anger in the Sophocles' tragedy *Antigone*

Ricardo Neves dos Santos<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0001-9745-4292>  
ricardonevesdosantos491@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v11i1.59276>

**RESUMO:** Transcorridos mais de dois mil anos desde que Aristóteles discorreu sobre as emoções no livro segundo da *Arte Retórica*, Charles Darwin voltou ao tema, desta vez não se restringindo a estudar as emoções apenas em suas manifestações humanas, mas também entre outros animais. Segundo Darwin, no seu livro *A expressão das emoções no homem e nos animais* (2009 [1872]), existem emoções básicas inatas que são expressas fisicamente da mesma forma entre os seres humanos. Entre essas emoções destacam-se a alegria, a tristeza, a raiva, o medo, o nojo e a surpresa. Valendo-me de alguns dos apontamentos de Darwin sobre as emoções, averiguarei em que medida a representação da raiva na tragédia *Antígona* de Sófocles combina com as descrições feitas pelo célebre naturalista britânico.

**PALAVRAS-CHAVE:** emoções; raiva; tragédia grega; Darwin.

**ABSTRACT:** More than two thousand years after Aristotle reflected on emotions in the second book of *The Rhetoric*, Charles Darwin also dealt with the subject, this time not restricted to studying emotions only in their human manifestations, but also among other animals. According to Darwin, in his book *The Expression of Emotions in Man and Animals* (2009 [1872]), there are basic innate emotions that are physically expressed in the same way among humans. These emotions include joy, sadness, anger, fear, disgust and surprise. Using some of Darwin's notes on emotions, I will find out to what extent the representation of anger in the Sophocles' tragedy *Antigone* matches with the descriptions made by the famous British naturalist.

**KEYWORDS:** Emotions; Anger; Greek tragedy; Darwin.

<sup>1</sup> Mestre em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo e membro do Grupo de Pesquisa Estudos sobre o Teatro Antigo (GTA—USP).



## Introdução

Com o que poderia contribuir um naturalista do porte de Charles Darwin para reflexão sobre a fúria encenada pelos personagens da tragédia grega? Seria algo arbitrário reservar-lhe um assento entre helenistas e latinistas para tomar parte numa discussão sobre a representação das emoções no Teatro Antigo? Ao longo deste artigo averiguarei em que medida as descobertas feitas por Darwin acerca das emoções e publicadas em seu livro *A expressão das emoções no homem e nos animais* [1872] (2009) poderiam se mostrar úteis ao estudo da dramatização das emoções na tragédia grega.

Autores da área da psicologia e biologia como Konrad Lorenz (1973) e Paul Ekman (2011) concordam que se hoje podemos falar de comportamento emocional universal é graças às propostas pioneiras publicadas por Charles Darwin no livro *A expressão das emoções no homem e nos animais* [1872] (2009), embora esses mesmos pensadores evolucionistas discordem num ponto crucial. Paul Ekman concorda com Darwin no sentido de que as emoções são essenciais para a sobrevivência dos seres humanos e para a vida em sociedade, embora reconheça que em certas circunstâncias elas podem ser perigosas. Nesse sentido, Darwin afirma (2009, p. 311):

As expressões por si mesmas, ou a linguagem das emoções, como por vezes são chamadas, certamente têm importância para o bem-estar da humanidade. Entender, na medida do possível, a fonte ou origem das várias expressões que a todo momento podem ser vistas nos rostos dos homens à nossa volta, sem mencionar nossos animais domesticados, deveria ter um enorme interesse para nós.

O comentário de Darwin sobre a importância das emoções na interação entre os seres humanos, bem como entre estes e seus animais, evoca na literatura clássica, por exemplo, o reencontro entre Odisseu e seu cão Argos, evento narrado na *Odisseia*, Canto XVII, vv. 290-327. Muitos anos passaram-se até que Odisseu, disfarçado de mendigo, reencontrasse seu cão. Argos encontrava-se abandonado sobre uma fedorenta pilha de estrume. O cachorro estava velho, cansado e infestado por parasitas. Em tempos idos, Argos era conhecido por sua velocidade, força e altas habilidades de rastreamento. Mas o que Odisseu vê quando retorna contrasta totalmente com o cão que o rei de Ítaca deixara. Apesar do disfarce do seu dono, Argos o reconhece quase imediatamente; mas o velho cão não tem forças nem para se levantar e ir em direção a Odisseu. A alegria do cachorro, porém, é demonstrada pelo mexer das orelhas e o abanar da cauda. Mesmo querendo manter o disfarce, Odisseu não consegue evitar que algumas lágrimas caiam de seus olhos em demonstração de carinho pelo seu estimado cão. Argos morre logo em seguida. Eis aí uma boa representação de

como as emoções são capazes de dar mais significado à vida, por meio das conexões ou rupturas que elas suscitam no palco da existência. Mas para o zoólogo Konrad Lorenz o saldo ainda ficaria no negativo.

Para ele, a humanidade não durará muito tempo. Konrad entendia que por mais inteligente que o homem venha a ser, o seu instinto de agressão, munido cada vez mais com as armas exponencialmente letais que a humanidade produz, não poderia ser dominado pela razão, já que esse instinto é algo adquirido como herança dos antepassados antropóides (CASTILHO, 2019, p. 172). Numa instigante passagem, Konrad Lorenz traça um paralelo entre os humanos e os ratos que observava. Com uma riqueza descritiva digna dos relatos dos mensageiros das peças de Eurípides, o zoólogo relata algo semelhante a um furor báquico entre os ratos:

Um verdadeiro choque elétrico percorre o animal. Em menos de nada, toda a colônia é alarmada por um processo de transmissão de humor, que na ratazana se faz unicamente por meio de movimentos expressivos, no rato da cidade também por um grito lancinante de tonalidade satânica, que o corpo dos membros da tribo que o ouvem repete. Então, de olhos exorbitados de excitação, a ponto de quase lhes saltarem da cabeça, pelos eriçados, os ratos dedicam-se à caça aos ratos. Ficam de tal modo furiosos que, quando dois deles se encontram, mordem-se para o que der e vier, violentamente. [...] Os que sobreviverem crescerão e tornar-se-ão cada vez mais sanguinários, porque existe um prêmio da seleção para o aumento da agressividade do ódio. (LORENZ, 1973, p. 177;181 apud CASTILHO, 2019, pp. 164-5)

A tragédia grega está repleta de exemplos que parecem endossar a opinião de Konrad Lorenz, haja vista os personagens déspotas e iracundos que se conduzem cegamente à catástrofe e que levam consigo muitos dos seus entes mais queridos. Por outro lado, há também exemplos em que a fúria foi fundamental para fazer parar a injustiça e a opressão, como no caso do velho Peleu, pai de Aquiles, que furioso rechaçou os abusos de Menelau e salvou a indefesa Andrômaca e seu filho de uma morte quase certa (Eurípides, *Andrômaca*, vv. 550-765). Ou ainda Demofonte, que raivoso rebate as insolências de um arauto argivo presunçoso (*Heraclidas*, vv.135-270). No entanto, em que circunstâncias a ira seria nociva ou benéfica? Entendo que a tragédia grega problematiza a questão, suscitando a reflexão sobre o tema, mas sem dar uma resposta pronta. Se de fato é verdadeira a afirmação darwiniana de que a raiva e a sua expressão fisiológica são universais entre os seres humanos, então há de se supor que um importante ponto de conexão entre nós e os gregos do

<sup>2</sup> Segundo Caldas Aulete (1881, p.1002): “IRA. Substantivo feminino. Paixão que nos incita contra alguém; cólera, raiva, indignação. (...) Encher-se de ira, encolerizar-se, enfurecer-se”. Nota-se, portanto, que o termo “ira” em Caldas Aulete é sinônimo de “raiva”, “cólera”, “indignação” e “fúria”. De início, também empregarei esses termos como sinônimos; mas à medida que a discussão for avançando, algumas especificações serão feitas, sobretudo no que se refere ao termo “fúria”.

século V. a.C ainda existe, e, dessarte, muitos de seus questionamentos e descrições a respeito da raiva ainda podem ser úteis. Mas quais as evidências que Darwin procura apresentar para justificar a tese da universalidade de algumas emoções?

Em sua investigação o naturalista inglês percebeu o curioso fato de que crianças nascidas cegas, apesar da impossibilidade de ver uma face humana, expressam alegria, tristeza, raiva, nojo, medo e surpresa em suas próprias faces assim como todos os outros seres humanos, o que testemunha em favor da universalidade destas emoções e sua expressão (DARWIN, 2009, p. 298). Darwin ainda contou com o apoio de vários missionários e outros viajantes espalhados por diferentes lugares do mundo, vivendo entre povos com pouquíssimo contato com as nações europeias. Esses colaboradores lhe descreviam as expressões emocionais das pessoas que viviam nessas comunidades isoladas. Darwin declara diante dos resultados obtidos:

Conclui-se, a partir das informações assim adquiridas, que um mesmo estado de espírito exprime-se ao redor do mundo com impressionante uniformidade; e este fato é ele mesmo interessante como evidência da grande similaridade da estrutura corporal e da conformação mental de todas as raças humanas. (DARWIN, 2009, p. 23)

Ainda em seu livro, Darwin informa que estudou várias obras dos grandes mestres da pintura e da escultura, pois reconhecia que os artistas geralmente são observadores muito atentos. No entanto, ele chega à conclusão de que tal recurso não o ajudou muito em sua investigação. Darwin explica o motivo disso, afirmando que “sem dúvida a razão é que nas obras de arte a beleza é o principal objetivo; e músculos faciais intensamente contraídos destroem a beleza. O tema da composição é geralmente transmitido, com incrível força e veracidade, por meio de outros hábeis recursos” (DARWIN, 2009, p. 21).

Embora Darwin reconheça que as artes plásticas não foram úteis em sua investigação, nem por isso deixa de se valer de outra importante forma de arte para fortalecer seus argumentos, isto é, a literatura. Entre os autores mencionados pelo naturalista britânico, Homero figura como uma de suas principais referências, como se pode observar pelo seguinte excerto:

Muitos pais e filhos choraram ao reencontrar-se depois de uma longa separação, especialmente se o encontro não era esperado. Não há dúvida de que a alegria intensa por si só pode agir sobre as glândulas lacrimais; mas em ocasiões como a acima citada, é provável que tenham passado por suas cabeças pensamentos sobre a tristeza que sentiriam pai e filho se jamais se reencontrassem. E a tristeza naturalmente provoca a secreção de lágrimas. Assim, no retorno de Ulisses:  
*Telêmaco / Ergueu-se, e enlaçou chorando o tórax de seu pai*  
*Ali a tristeza enclausurada choveu sobre os dois, que assim penavam [...]*  
*Assim sofredamente choraram em amarga inquietude,*

*E nesse pranto teriam passado o dia  
Se Telêmaco por fim não tivesse encontrado palavras para dizer[...]  
Odisseia, Rapsódia XVI, estrofe 27<sup>3</sup>*

E também, quando Penélope finalmente reconheceu seu marido:  
*E então, depressa, de suas pálpebras brotaram lágrimas  
E de onde estava ela correu para ele e envolveu  
Com os braços seu pescoço, e um orvalho cálido  
De beijos caiu sobre ele, e disse assim [...]  
Rapsódia XXIII—(DARWIN, 2009, p. 183-5)*

Os argumentos apresentados por Darwin sobre a universalidade de algumas emoções básicas<sup>4</sup> me parecem plausíveis, e por isso possuem o potencial de validar a possibilidade de que a empatia que o leitor atual sente por alguns dos personagens da tragédia grega seja semelhante à empatia que os primeiros espectadores sentiram, bem como a repulsa que outros personagens provocaram e ainda provocam. Tal possibilidade não me parece estapafúrdia.

### **Raiva, a mais perigosa das emoções**

Segundo Paul Ekman, a raiva é a emoção mais perigosa dentre todas (2011, p. 128). Creonte, rei de Tebas, personagem da tragédia *Antígona*, de Sófocles, parece exemplificar bem isso.

Alguém desobedecera a proibição feita por Creonte de enterrar o cadáver de Polinices, sobrinho que tentara invadir sua terra natal para tomar o trono à força, mas que morrera na tentativa. A irmã de Polinices, Antígona, desobedece às ordens do rei, sepultando o corpo de seu irmão, pois considerava isso um dever em relação à família e aos deuses. Antígona também era noiva do filho de Creonte, Hêmon. Mas isso não foi o suficiente para impedir que ela fosse condenada à morte pela desobediência: Antígona deveria ser encerrada viva numa caverna, para que morresse, aos poucos, de fome. Quando avisaram a Creonte que alguém havia enterrado o cadáver de Polinices, mas sem saberem ainda quem tinha realizado o feito, o coro de anciãos de Tebas disse ao rei: “Senhor,

---

<sup>3</sup> Embora em sua autobiografia Darwin afirme que em sua juventude estudara grego, a ponto de conseguir ler o Novo Testamento e Homero no original, não fica claro se as citações que faz de Homero são traduções que ele próprio fez, ou retiradas de alguma outra fonte. Leon de Souza Lobo Garcia verte “Book XVI. St. 27”, da citação original de Darwin, por “Rapsódia XVI, estrofe 27”, o que causa estranhamento aos estudiosos de letras clássicas, pois sabe-se que os versos da *Iliada* e da *Odisseia* não estão organizados em estrofes no original. Além disso, é mais comum encontrarmos nas traduções em português o termo “Canto” em vez de “Rapsódia” para as seções dos poemas homéricos.

<sup>4</sup> Ekman, Sorenson e Friesen (1969), baseando-se nos estudos de Darwin, procuraram aprofundar-se no tema da universalidade das emoções se valendo dos recursos técnicos e metodológicos não disponíveis no tempo de Darwin. Demonstraram que pelo menos seis emoções—denominadas básicas—são universais por serem expressas e reconhecidas de maneira similar nas diferentes culturas. As emoções básicas são: alegria, tristeza, raiva, nojo, medo e surpresa. É considerada a principal taxonomia das emoções, embora o próprio Ekman tenha incluído outras posteriormente nesse rol.

há muito que o meu espírito pondera, se acaso esse feito não será obra dos deuses”<sup>5</sup> (vv. 278-9). Creonte, por sua vez, responde: “Cessa, antes que as tuas palavras me encham de cólera (ὄργης), para que não sejas ao mesmo tempo insensato e velho” (vv. 280-1).

Os que se consideram superiores aos outros, afirma Aristóteles na *Retórica* (II. 1379 a), tendem a se irar com mais facilidade contra as pessoas que consideram inferiores<sup>6</sup>. E parece-me que a ira de Creonte já começa a dar sinais de desmedida (*hýbris*) desde o início da peça. Quando Hêmon fica sabendo que seu pai condenara sua noiva à morte, procura dissuadi-lo da decisão. Hêmon demonstra uma atitude bastante respeitosa ao pai, dizendo-lhe: “Pertença-te, meu pai. E tu, que tens nobres pensamentos, regulas os meus para eu os seguir. Na verdade, não há casamento algum que me pareça superior a ser por ti orientado” (vv. 635-8).

A atitude de Hêmon parece ser adequada, principalmente se levarmos em conta as indicações dadas por Aristóteles de como um orador poderia aplacar a ira de alguém, quando afirma: “A prova de que a ira cessa em relação aos que se humilham está nisto: até os cães mostram que não mordem as pessoas que se sentam” (*Retórica*, II. 1380 a).

Com sabedoria semelhante, Hêmon continua a dizer a seu pai: “Ora, tu não estás em condições de vigiar quando dizem ou fazem ou têm a censurar, porque o teu aspecto é terrível (τὸ γὰρ σὸν ὄμμα δεινὸν) para o homem do povo, ante aquele gênero de palavras que não te apraz ouvir. Mas a mim é me dado escutar na sombra como a cidade lamenta essa moça” (vv. 690-95).

As pessoas do povo, segundo Hêmon, tinham medo de expressarem a sua verdadeira opinião ao rei, pois este se mostrava com um aspecto hostil quando isso acontecia. Hêmon continua a dizer: “Mas não é vergonhoso que um homem, ainda que seja sábio, aprenda muita coisa, e não distenda demasiado a corda. Bem vês que, nas torrentes inverniais, quando as árvores cedem, os ramos se salvam: quem oferece resistência, perde-se com as próprias raízes. (...) Mas domina a tua cólera, modifica o teu ânimo” (vv. 710-19).

Creonte não consegue perceber que as palavras de Hêmon são leais. Ele está sob a ação da raiva. Ser admoestado por alguém que considerava inferior a ele serviu-lhe como um gatilho emocional. Creonte, então, exclama: “Com que então devo aprender a ter senso nesta idade, é com um homem de tão poucos anos?” (vv. 726-7).

O estado de Creonte corresponde a um fenômeno observado por Charles Darwin e nomeado pelo psicólogo Paul Ekman como *estado refratário*, isto é, o fato de que as emoções começam a agir sobre um indivíduo antes mesmo que ele tenha consciência disso, escapando, desta forma, ao controle da pessoa por alguns segundos ou minutos. No momento em que uma emoção

<sup>5</sup> Ao longo de todo o artigo, utilizaremos a tradução da *Antígona* de Sófocles feita por Maria Helena da Rocha Pereira.

<sup>6</sup> O termo grego para “raiva” ou “ira” que prevalece nas passagens da *Retórica* de Aristóteles é ὄργη (KONSTAN, 2006, p.50).

começa, declara Paul Ekman (2011, p. 36), “ela se apodera de você nos primeiros milésimos de segundo, comandando o que você faz, diz e pensa”. Aristóteles também já havia percebido que as emoções modificam a disposição mental das pessoas (KONSTAN, 2006, p. 41). Darwin e Ekman reconhecem que os sentidos captam muito mais informações do que é percebido pela consciência humana. Os sentidos são, por assim dizer, como radares rastreando o nosso entorno. Quando estes detectam um perigo repentino, ou uma mudança brusca, então uma emoção é disparada fazendo com que o indivíduo reaja o mais rápido possível, mesmo antes de ter consciência do ocorrido. Em certas circunstâncias, esse mecanismo autônomo e psicossomático é fundamental para a sobrevivência, como no caso de uma pessoa que por um triz se desvia de um carro em alta velocidade. Antes mesmo que essa pessoa comece a pensar no ocorrido, seu coração já estará batendo rápido, respiração ofegante, rosto pálido, boca entreaberta e olhos esbugalhados. Charles Darwin ainda afirma que dependendo do gatilho que deflagra uma determinada emoção, isto é, quanto mais atávico for esse gatilho, nada a razão poderá fazer para contê-la. Darwin procura demonstrar isso relatando uma experiência pessoal:

Mas não basta nossa razão nos dizer que não existe perigo. Posso mencionar um acontecimento banal que ilustra isso, e que me divertiu quando sucedeu. Aproximei meu rosto do grosso vidro de um viveiro de víboras no jardim zoológico, determinado a não me afastar caso a cobra atacasse. Mas tão logo ela se precipitou sobre mim, minha resolução de nada me valeu e eu pulei um ou dois metros para trás com impressionante rapidez. Minha vontade e razão foram inúteis (...). (DARWIN, 2009, p. 40)

Vigotski (2014, p. 66) afirma que a emoção é o resultado de um desequilíbrio entre o indivíduo e os estímulos advindos do meio. As emoções, desta forma, são entendidas como tipos específicos de descarga de energia nervosa que visam restabelecer o equilíbrio (homeostase) no sentido da manutenção à vida. Quando o equilíbrio é restabelecido, uma sensação de alívio é experimentada. Como visto, Paul Ekman afirma que a raiva é a emoção básica mais perigosa dentre todas, e isso se dá porque ela provoca um *estado refratário* com maior tempo de duração (EKMAN, 2011, p. 128). Dependendo da intensidade com que essa emoção é experimentada, corre-se o risco da capacidade de raciocinar do indivíduo ser muito prejudicada durante o surto. Nesses momentos, o uso de argumentos para aplacar a ira é praticamente inútil. Por meio de fontes literárias, é possível perceber que os gregos tinham alguma percepção desse fenômeno. Veja-se, por exemplo, o seguinte trecho do diálogo entre Prometeu e Oceano (Ésquilo. *Prometeu Acorrentado*, vv. 375–80), na tradução de Jaa Torrano (2009):

PROMETEU

Eu suportarei a presente sorte

Até a mente de Zeus amainar a ira (χόλου).

OCEANO

Não conheces, Prometeu, este fato:  
palavras são médicos de doente raiva (ὀργῆς)?

PROMETEU

Se na oportunidade abrandam o coração  
e não suprimem à força o túrgido ânimo (σφριγῶντα θυμὸν).

Ou seja, Prometeu declara que seria praticamente inútil tentar usar argumentos para dissipar a ira intensa. Era necessário esperar que a ira arrefecesse, antes de fazer o uso de argumentos. Percebe-se também na passagem citada que os termos χόλος e ὀργή são empregados como sinônimos no diálogo. David Konstan (2006, p. 48) chama atenção para o fato de que o grande poema épico da Grécia, a *Iliada*, tem uma emoção como sua primeira palavra: “ira” (“μῆνις”), adjetivada como “funesta” (“οὐλομένην”). Ainda segundo Konstan, o termo μῆνις tem um aspecto solene e provavelmente religioso, sendo muitas vezes associado à cólera divina. Entre os mortais, por outro lado, a palavra empregada para se referir a raiva que Aquiles sentiu contra Agamemnon é χόλος, termo padrão para raiva na épica homérica e também aplicada para se referir a fúria entre outros animais, como o leão, por exemplo (Ibidem, p. 49). Portanto, χόλος “aparentemente significa ‘fúria violenta’, independentemente de ser provocada por dano ou escárnio” (KONSTAN, 2006, p. 51). No *Ájax* de Sófocles (v. 41), à guisa de exemplo, Atena explica a Odisseu que a violência manifestada por Ájax ocorre por ele estar compungido (βαρυνθείς) pela ira (χόλω).

Outro termo para se referir à ira nos poemas homéricos e na tragédia grega é θυμός, termo que realça a excitação que a ira (ou raiva) provoca no indivíduo (CHANTRAINE, 1968, p.446). O termo θυμός muitas vezes é também traduzido com o sentido de “ânimo”, como na passagem anteriormente citada do *Prometeu Acorrentado* (v. 380). Quanto ao aspecto excitante da ira, Darwin afirma que “um homem, quando se sente excessivamente inferiorizado, pode inventar brigas imaginárias e deixar-se levar inconscientemente pela ira para readquirir confiança” (DARWIN, 2009, p. 74).

Voltando ao exemplo de Creonte, percebe-se um aumento da intensidade de sua raiva ao longo da tragédia, prejudicando ainda mais sua capacidade de julgar as coisas. Ele chega ao ponto de dizer a seu filho: “Pois, pelo Olimpo, fica sabendo que não me ultrajarás com tuas censuras impunemente. Tragam essa abjeta criatura, para que morra imediatamente diante dos olhos do noivo, e ao lado dele” (vv. 758-761).

Embora “raiva” e “fúria” sejam consideradas palavras sinônimas no *Dicionário de Língua Portuguesa Caldas Aulete* (1881, p. 1002), tanto Paul Ekman como Charles Darwin distinguem raiva e fúria pelo grau de intensidade (DARWIN, 2009, p. 208-9; EKMAN, 2011, p. 127). “A fúria”, declara Ekman (2011, p. 163), é uma expressão mais intensa que a raiva”. Tão intensa a



ponto de Darwin afirmar que: “O funcionamento do coração é de tal maneira acelerado pela fúria que o rosto fica pálido ou lívido, e não foram poucos os homens com doenças do coração que caíram mortos sob essa poderosa emoção”. Ekman também comenta que é o compromisso de ainda mantermos a sociabilidade com alguém que nos irritou que nos impede de deixar a raiva escalar ao nível da fúria. E, de fato, a fúria, para Ekman, é a expressão do rompimento dos laços interpessoais (EKMAN, 2011, p. 131). Talvez o termo grego que se aproxime mais dessa ideia de raiva, como fúria, seja *χόλος*. Como visto, essa palavra grega frisaria a raiva em sua manifestação mais animalesca e violenta. Na *Poética* de Aristóteles, por exemplo, o termo mais utilizado para se referir à raiva não é *χόλος*, mas sim *ὀργή*, também presente no diálogo citado entre Prometeu e Oceano. Segundo Konstan (2006, p. 50), *ὀργή* não aparece na epopeia arcaica. Apesar disso, Aristóteles não deixa de citar Homero para endossar suas considerações sobre *ὀργή*, o que parece demonstrar que ele via importantes correlações entre esse termo e os empregados por Homero para se referir à raiva, apesar das nuances<sup>7</sup>. Segundo Konstan (2006, p.76), o termo *ὀργή* expressa um tipo de raiva mais condicionada pelo mundo social do que *χόλος*. Ora, se a fúria é a expressão da quebra dos laços interpessoais, como afirma Ekman, parece-me que o termo *ὀργή* não seria o mais adequado para expressá-la, mas sim *χόλος*. Contudo, será que na interação entre Hêmon e Creonte verifica-se o uso de *χόλος* em contextos de maior intensidade da raiva?

Quando Hêmon escuta a fala agressiva de seu pai, decide então se retirar da cena, talvez para não correr o risco de ser dominado pela fúria. Embora tenha sentido raiva, seu *estado refratário* não foi tão intenso e duradouro, possibilitando-o tomar a atitude mais inteligente no momento, ou seja, se retirar. Nesse sentido, seria de esperar, diante da discussão até aqui empreendida, o uso da palavra *ὀργή* para se referir ao estado emocional de Hêmon neste momento, e não *χόλος*. Tal hipótese parece se confirmar no texto original. Tendo Hêmon se retirado da cena depois da discussão com seu pai, o coro diz a Creonte (v. 767): “O homem, ó rei, com raiva saiu depressa” (ἀνὴρ, ἄναξ, βέβηκεν **ἐξ ὀργῆς** ταχύς). Posteriormente, porém, o estado emocional de Hêmon se intensifica drasticamente.

<sup>7</sup> Veja-se como Aristóteles correlaciona os campos semânticos de *orgé* e *thymós*, citando Homero, no seguinte trecho da *Poética*: “διὸ λέγει **ὀργιζόμενος** ὁ Ἀχιλλεὺς ἠτίμησεν: ἔλων γὰρ ἔχει γέρας αὐτὸς καὶ ὡς εἴ τιν' ἀτίμητον μετανάστην, ὡς διὰ ταῦτα **ὀργιζόμενος**. προσήκειν δὲ οἴονται πολυωρεῖσθαι ὑπὸ τῶν ἠπτόνων κατὰ γένος, κατὰ δύναμιν, κατ' ἀρετήν, καὶ ὅλως ἐν ᾧ ἂν αὐτὸς ὑπέρῃ πολὺ, οἷον ἐν χρήμασιν ὁ πλούσιος πένητος καὶ ἐν τῷ λέγειν ρητορικὸς ἀδυνάτου εἰπεῖν καὶ ἄρχων ἀρχομένου καὶ ἄρχειν ἄξιος οἰόμενος τοῦ ἄρχεσθαι ἀξίου: διὸ εἴρηται **θυμός** δὲ μέγας ἐστὶ διοτρεφῶν βασιλῆων (*Retórica*, II. 1378 b—1379 a): “Assim, Aquiles, **irado**, diz: *desonrou-me e ficou com a minha recompensa*, como se por causa disso **ficasse cheio de ira**. Muitos pensam que é conveniente ser mais respeitado pelos que nos são inferiores em estirpe, em poder, em virtude e, em geral, em tudo aquilo em que se é muito superior; por exemplo, o rico é superior ao pobre em questões de dinheiro; o orador ao que não sabe falar em matéria de eloquência; o governante ao governado; o que se considera digno de comandar ao que só merece ser comandado. Por isso se disse: **fúria grande é a dos reis, alimentados de Zeus**” (Tradução de Manuel Alexandre Júnior, 1998).

É possível que a raiva enfraqueça com o tempo, como afirma Aristóteles (*Retórica*, II. 1380 b), mas se antes desse arrefecimento a pessoa é provocada novamente, a tendência é que raiva se intensifique ainda mais (EKMAN, 2011, p. 142). Segundo Darwin, a violência contra uma pessoa amada é um dos gatilhos mais poderosos para suscitar a fúria em alguém:

(...) uma mãe pode sentir o mais profundo amor pelo seu filho desamparado e mesmo assim não demonstrá-lo por nenhum sinal externo; ou por discretos movimentos de carinho, com um sorriso suave e olhar terno. Mas espere alguém ferir intencionalmente seu filho para ver a diferença! Como ela surge com aspecto aterrorizante, os olhos faiscando, o rosto vermelho, o peito arqueando, as narinas dilatadas e o coração disparando; isso porque a fúria, e não o amor maternal, que habitualmente levou à ação. (DARWIN, 2009, p. 73)

Parece-me que foi justamente a contemplação da violência contra uma pessoa amada que levou Hêmon a um severo *estado refratário* no final da peça, deixando-o totalmente descontrolado.

Próximo ao trágico desfecho, Creonte arrepende-se de condenar Antígona, e diz: “Ceder é terrível, mas, se ofereço resistência, a minha fúria (θυμὸν) pode embater na rede da Desgraça” (vv. 1095-7). O rei de Tebas corre então ao lugar onde encerrou a jovem, mas chegara tarde demais. A cena que se transcorre é narrada aos Tebanos por uma das testemunhas oculares:

(...) dirigimo-nos então para o aposento nupcial da donzela, uma caverna infernal (...). De longe, alguém ouve de autênticos gemidos junto daquele quarto nupcial sem ritos funerários, e, de regresso, anuncia-o ao rei Creonte. À medida que ele se aproxima cada vez mais, passam também em sua volta sinais indistintos de um grito de desgraça (...) — ó servos, acercai-vos depressa. (...) Introduzi-vos pela abertura, a ver se eu reconheço a voz de Hêmon ou se sou iludido pelos deuses —. Estas foram as palavras do nosso exaltado amo. Vamos ver: no interior do túmulo avistamo-la suspensa pelo pescoço, presa pelo laço de um tecido fino. Ele, agarrado a ela com os braços apertados em volta, lamentava a destruição de sua noiva (...), a ação do seu pai e a desgraça das suas núpcias. O rei, assim que o viu, soltando um grito amargo, corre para dentro, em direção a ele, e chama-o com um lamento: — Ó desgraçado, que fizeste? Que pensamento eram os teus? Que acontecimento te privou da razão? Sai daí, filho, é com súplicas que te peço — o filho deita-lhe um rápido e fero olhar, cospe-lhe no rosto, e sem nada responder, puxa dos copos da espada, mas não atinge o pai, que se precipita na fuga. Em seguida, o desventurado, furioso consigo mesmo (αὐτῷ χολωθεῖς) tal como estava, coloca-se sobre o montante, apoia-se contra o seu flanco até a metade e, ainda lúcido, atrai a donzela aos seus braços a desfalecer. Arquejante, lança uma torrente veloz de sangue gotejante sobre as faces [da moça]. Jaz um cadáver ao pé do outro, depois de ter recebido, desgraçado, os ritos dos esposais na mansão do Hades e de ter demonstrado que a irreflexão é o maior de quantos males se deparam aos humanos. (SÓFOCLES, *Antígona*, vv. 1207-42)

O mensageiro sofocliano relata que Hêmon ficou furioso consigo mesmo (αὐτῷ χολωθεῖς) e, por não conseguir acertar Creonte com a espada, acaba se lançando contra ela num ato de total descontrole. O verbo χολωθεῖς, utilizado para se referir ao estado emocional de Hêmon, pertence ao campo semântico de χόλος, e não há dúvidas de que nesse ponto o príncipe tebano tem um comportamento correspondente ao que Darwin e Ekman descrevem como fúria. Darwin afirma que num surto desse tipo: “o desejo de bater pode tornar-se tão violento que objetos inanimados são quebrados ou jogados ao chão; mas os gestos frequentemente perdem o sentido e tornam-se frenéticos” (DARWIN, 2009, p. 2005). Como visto no relato, Hêmon está surdo às palavras súplicas de seu pai. Isso demonstra que sua inteligência foi sequestrada pela fúria. O cadáver de Antígona foi-lhe como uma faísca em meio à pólvora. Quando Hêmon percebe seu pai aproximando-se, fita-o então com um olhar feroz (ἀγρίοις ὄσσοισι) e cospe-lhe no rosto, comportamento também descrito por Darwin da seguinte forma: “Cuspir parece um sinal quase universal de desprezo ou nojo; e cuspir obviamente representa a rejeição de alguma coisa agressiva para a boca. Shakespeare faz o duque de Norfolk dizer: — Eu cuspo sobre ele; trato-o de caluniador, covarde e vil” (DARWIN, 2009, p. 223).

Depois de relatar a catástrofe, o mensageiro afirma que “a irreflexão é o maior de quantos males se deparam aos humanos” (v. 1242). Talvez o entendimento partilhado nessa fala é o de que a irreflexão geralmente leva as pessoas à catástrofe e, justamente por isso, é o maior dos males.

Aristóteles (*Poética*, 1454 a) afirmara que a catástrofe dos protagonistas da tragédia grega é parte imprescindível da estrutura do mito trágico; pois, aliada a outros recursos de composição, causa o efeito estético de suscitar as emoções de terror (φοβερὸν) e piedade (ἐλεεινὸν) na audiência (1453 b). Se terror e piedade, segundo Aristóteles, são as emoções trágicas por excelência, na perspectiva das principais emoções que a audiência deveria experimentar durante o espetáculo cênico ou durante a leitura; entendo, por outro lado, que da perspectiva da representação das emoções nos próprios personagens do enredo, a ira é uma das emoções trágicas por excelência, se não for a principal, haja vista que não é coisa rara os protagonistas das tragédias gregas serem levados à ruína devido ao efeito de irreflexão provocado por essa emoção. Nesse sentido, é ilustrativo o caso de Édipo que, num surto de fúria, mata seu pai e uma escolta de vários homens, ou ainda quando ele raivoso vitupera Tirésias e Creonte, ou quando entra freneticamente no palácio, depois de descobrir a verdade sobre si, pedindo aos gritos uma espada — detalhe instigante deixado por Sófocles — sem ficar claro para que propósito (matar-se ou assassinar Jocasta?), e sem esperar pela arma que pedira, arromba a porta do quarto onde Jocasta estava encerrada, encontrando-a enforcada. Não se escapa também à memória o caso de Teseu, que furioso lança uma terrível maldição sobre seu filho Hipólito e o condena ao exílio; ou Admeto que também irado rechaça seu pai Feres da cerimônia fúnebre de Alceste. Se pensarmos ainda nas cenas de *agon*, comuns na tragédia grega, e sobretudo em Eurípidés, fica patente como a raiva é um dos principais catalisadores de embates entre os personagens.

À vista disso, entendo que o conceito de *estado refratário* bem como a constatação de que a fúria é a forma mais intensa da raiva lançam luz sobre o *modus operandi* dessa emoção não apenas na vida chamada “real”, mas também em sua representação ficcional. Segundo L. S. Vigotski (2014, p. 11-19), todo artefato humano, seja ele material ou simbólico, é “experiência humana cristalizada”. Como a catástrofe tem um papel privilegiado na tragédia grega, não é de se admirar que a raiva seja representada pelo seu viés mais sombrio e perigoso, e, por isso mesmo, o drama trágico é uma das fontes literárias mais promissoras de reflexão sobre os aspectos negativos desta emoção. Como disse Creonte, “a fúria pode embater na rede da Desgraça” (vv. 1097). Esse era o alerta dado aos primeiros espectadores da *Antígona*, e, levando-se em conta as conclusões de Darwin acerca da universalidade das emoções, talvez também a nós.

### Considerações finais

Segundo Charles Darwin e Paul Ekman a raiva é uma emoção universal, bem como sua expressão fisiológica. A manifestação da raiva pelos personagens da tragédia grega é algo recorrente em seus respectivos enredos. Procurou-se, então, averiguar se as expressões da raiva manifestadas por Hêmon e por Creonte, personagens da tragédia *Antígona* de Sófocles, correspondiam com as descrições dessa emoção empreendidas por Darwin e Ekman. Ao longo da discussão, os termos “raiva” e “ira” foram tomados como sinônimos. Porém, uma distinção entre raiva e fúria foi apresentada à luz do pensamento de Darwin e Ekman. Para estes autores, a fúria seria a raiva em sua manifestação mais intensa e a expressão da quebra dos laços interpessoais. O passo seguinte foi observar se tal distinção serviria como instrumental teórico para observar a evolução da raiva na dinâmica do enredo trágico, e curiosamente as considerações de Darwin e Ekman se mostraram verificáveis no registro ficcional da tragédia escolhida. Além da descrição de “fúria”, outro conceito que se apresentou bastante útil na análise foi o de *estado refratário*, isto é, o comprovado fenômeno universal de que as emoções agem sobre o indivíduo antes mesmo que ele tenha consciência disso. Como visto, Ekman entende que a raiva é a emoção básica mais perigosa, pois o *estado refratário* que ela provoca pode ser mais intenso e duradouro do que o provocado por outras emoções. A tragédia grega parece exemplificar alguns desses perigos. Não obstante, Ekman afirma:

Mesmo a raiva, emoção que a maioria das pessoas gostaria de repelir, é útil para nós. Ela previne os outros, e nós mesmos, quando as coisas estão nos frustrando. Essa advertência pode conduzir a mudanças, embora também possa produzir embates. A raiva nos motiva a mudar o mundo, a promover a justiça social e a lutar pelos direitos humanos. (EKMAN, 2011, p. 59)

Se de fato é verdadeira a afirmação darwiniana de que a raiva e a sua expressão fisiológica são universais entre os seres humanos, então há de se supor que um importante ponto de conexão entre nós e os gregos do século V. a.C ainda existe, e, dessarte, muitos de seus questionamentos e descrições a respeito da raiva e outras emoções ainda podem ser úteis. A complexidade da vida humana requer o diálogo interdisciplinar na tentativa de entendê-la. À vista disso, classicistas não podem se privar ao diálogo com outras áreas e dar a sua contribuição sobre temas tão importantes como as emoções humanas e seus impactos sobre a sociedade. Como afirmou Porter (2011, p. 471):

(...) em um mundo em que classicistas enfrentam enormes desafios de natureza muito prática, como refletido em matrículas cada vez menores, perspectivas de emprego, financiamento e recursos (prestígio e capital cultural), cabe aos classicistas reavaliar eles mesmos sua relevância, seu lugar no mundo e seu futuro.

Embora Darwin seja de fato útil na tentativa de se compreender as emoções e as suas expressões, entendo que Aristóteles, Sófocles e outros grandes autores gregos também podem dar sua contribuição nesse sentido, pelo menos enquanto houver pessoas que ainda se sensibilizam com os textos clássicos e outras que se dedicam ao seu estudo.

## Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução e notas de Manuele Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1998.
- CALDAS AULETE, Francisco Júlio de. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881.
- CASTILHO, Fernando Moreno. Konrad Lorenz, Charles Darwin e os efeitos da agressividade na preservação das espécies. In: **Filosofia e História da Biologia**, São Paulo, v.14, p.159-180, 2019.
- CHANTRAINE, Pierre. **Dictionnaire étymologique de la langue grecque**. Paris: Éditions Klincksieck, 1968.
- DARWIN, Charles. **A expressão das emoções no homem e nos animais**. Tradução de Leon de Souza Lobo Garcia. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DARWIN, Charles. **Autobiography, 1809-1882**. London: Collins, 1958.
- EKMAN, Paul. **A linguagem das emoções**. Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Lua de Papel, 2011.
- EKMAN, Paul. SORENSON, E.; FRIESEN, W. Pan-cultural elements in facial displays of emotion. In: **Science**. Apr. n.3875, v.164, p.86-88, 1969.
- ÉSQUILO. **Tragédias**. Estudos e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras FAPESP, 2009.
- EURÍPIDES. Alceste. Tradução de Jaa Torrano. In: **Codex—Revista de Estudos Clássicos**, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 2, jul.-dez. 2018, pp. 196-232. DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v6i2.21261>
- EURÍPIDES. As suplicantes. In: ALMEIDA, Vanessa Silva. **Lamento e luto na tradução de Suplicantes de Eurípides**. Dissertação de mestrado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2017.
- EURÍPIDES. Andrômaca. In: BUSE, Priscila. **Andrômaca de Eurípides e o ideal do trágico: Tradução e Análise**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2015.
- EURÍPIDES. **Hipólito**. Tradução, introdução e notas de Flávio Ribeiro de Oliveira. São Paulo: Odysseus Editora, 2010.

- EURÍPIDES. **Héracles**. Introdução tradução e notas de Cristina Rodrigues Franciscato. São Paulo: Palas Athena, 2003.
- EURÍPIDES. **Os Heraclidas**. Introdução, tradução e notas de Cláudia Raquel Cravo da Silva. Lisboa: Edições 70, 2000.
- KONSTAN, David. Anger. In: **The emotions of the ancient Greeks**. Studies in Aristotle and classical literature. Toronto: University of Toronto Press, 2006.
- LORENZ, Konrad. **A agressão**: uma história natural do mal. Trad. Maria Isabel Tamen. Santos: Martins Fontes, 1973.
- PORTER, J. I. Reception Studies: Future Prospects. In: HARDWICK, L. & STRAY, C. (ed.). **A companion to Classical Receptions**. West Sussex: Willey-Blackwell, 2011, 469-481.
- PLUTCHIK, Robert. **The emotion**. New York: University of America, 1991.
- SÓFOCLES. **Ájax**. Tradução de Jaa Torrano; estudos Beatriz de Paoli, Jaa Torrano. Cotia: Ateliê Editorial, 2022.
- SÓFOCLES. **Antígona**. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, [s/d]
- SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Tradução de Geir Campos. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- VIGOTSKI, L.S. **Imaginação e criatividade na infância**. Tradução de João Pedro Fróis. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

